



LOTES NAS ENTREQUADRAS DO PLANO PILOTO DESPERTAM, COM FREQUÊNCIA, A COBIÇA DE EMPRESÁRIOS. A ESPECULAÇÃO IMOBILIÁRIA É UMA DAS MAIORES AMEAÇAS À PRESERVAÇÃO DE BRASÍLIA

Brasília na berlinda

Rovênia Amorim
Da equipe do **Correio**

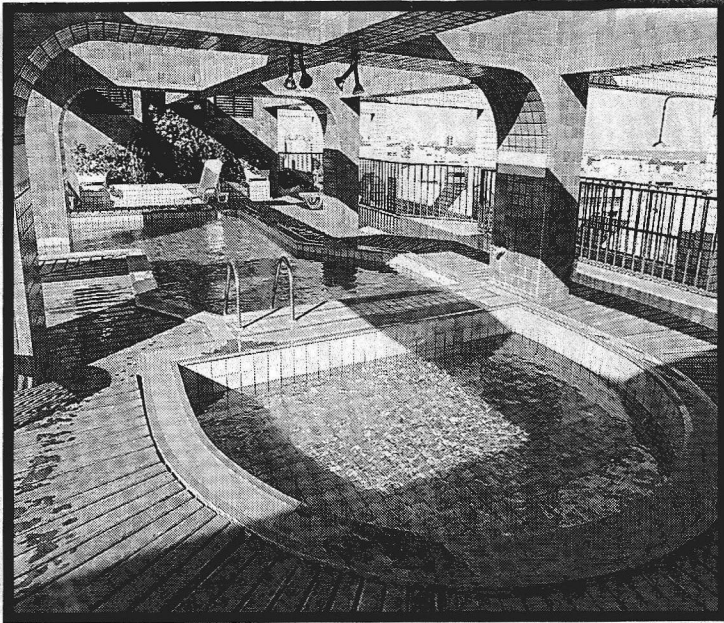
A história começa hoje. Dois especialistas em monitoramento do Patrimônio Mundial, enviados pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (Unesco), chegam a Brasília com a missão de avaliar as condições de preservação da única cidade moderna a integrar a lista de Patrimônio Cultural da Humanidade. Depois de percorrer e observar o Plano Piloto, o urbanista holandês Herman Hooft e o arquiteto argentino Alfredo Conti vão produzir um relatório sobre o estado de conservação das características originais de Brasília.

Os dois técnicos ficam na cidade até sexta-feira, mas a impressão que tiveram da cidade, criada por Lucio Costa e Oscar Niemeyer, somente será conhecida em dezembro. O relatório será lido durante sessão extraordinária da Agência do Comitê do Patrimônio Mundial em Helsinque, capital da Finlândia. Lá, os integrantes do comitê decidem se incluem Brasília na Lista do Patrimônio Mundial em Perigo. Atualmente, 30 bens naturais (reservas ambientais e sítios arqueológicos) e monumentos históricos, de 24 países, compõem a lista.

A decisão de enviar uma missão a Brasília foi tomada em novembro do ano passado, durante a 24ª Sessão Extraordinária da Agência do Comitê do Patrimônio Mundial, realizada na cidade de Cairns, na Austrália. Com base em informações do Conselho Internacional para Monumentos e Sítios (Icomos), que revelaram preocupação com a pressão demográfica e o crescimento acelerado da construção civil na capital, os integrantes do Comitê resolveram checar, in loco, as ameaças ao tombamento de Brasília.

Os técnicos enviados pela Unesco, em Paris (França), tiveram acesso também ao relatório, enviado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) em abril. O documento detalha as agressões que Brasília sofreu nas quatro escalas do tombamento (*leia quadro*). Como a consolidação das invasões de áreas públicas pelo comércio local, na Asa Sul e Asa Norte, e as coberturas que

Anderson Schneider 20.8.99



COBERTURAS QUE CRIARAM O SÉTIMO PAVIMENTO FEREM O TOMBAMENTO

AS ESCALAS DO TOMBAMENTO

Pelo tombamento de Brasília, devem ser preservadas as quatro escalas estruturadoras da concepção urbanística da cidade:

MONUMENTAL

■ Confere à cidade a marca de efetiva capital do país e está no Eixo Monumental — da Praça dos Três Poderes até a Praça do Buriti, compreendendo os palácios, as praças, a rodoviária e a Torre de TV.

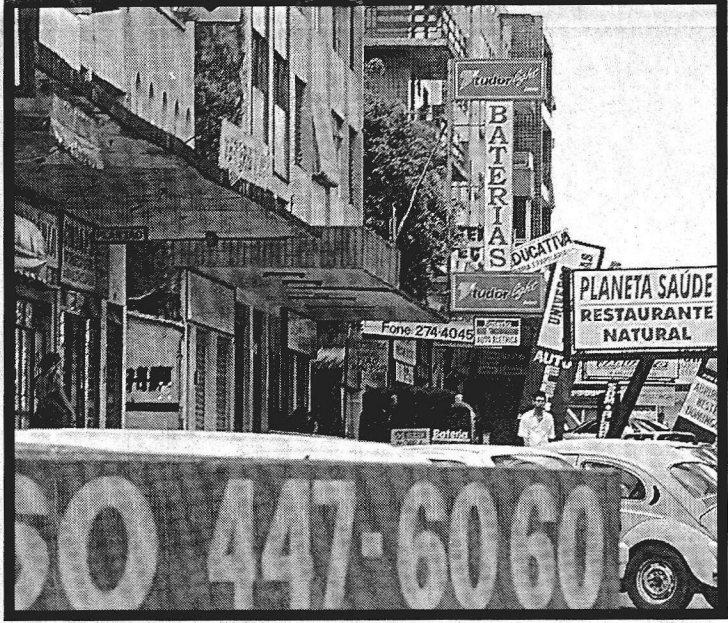
RESIDENCIAL

■ Ao substituir os lotes privados pelos prédios, define uma nova maneira de morar, própria de Brasília — configura-se ao longo do Eixo Rodoviário, nas superquadras, nos comércios locais e nos equipamentos comunitários.

GREGÁRIA

■ Define o centro da cidade, no cruzamento dos dois eixos (Monumental e Rodoviário) — é onde se

Sérgio Amaral 16.4.01



EXPLORAÇÃO DA PUBLICIDADE EM PAINÉIS COMPROMETE O VISUAL DA CIDADE

criaram o sétimo pavimento numa cidade planejada para ter prédios residenciais de, no máximo, seis andares.

“Duas coisas me preocupam”, diz o arquiteto Cláudio Queiroz, professor do Departamento da Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília (UnB). “A exploração da publicidade em painéis e outdoors, impondo transformações rápidas e comprometendo a cidade com o consumismo, e a especulação imobiliária que trouxe para as áreas ao redor do Plano Piloto os prédios altos. A pressão deles sobre a cidade pode pôr em xeque todo a escala ampla de Brasília.”

A especulação imobiliária também é entendida como uma das mais sérias ameaças à preservação de Brasília. Lotes nas entrequadras reservados à construção de equipamentos urbanos para as unidades de vizinhança (conjunto de quatro superquadras) despertam, com frequência, a cobiça de empresários. Por isso, o Iphan defende a conclusão do Plano Piloto como uma das formas de evitar mais desvios urbanísticos na cidade desenhada por Lucio Costa e reconhecida como Patrimônio Mundial pela Unesco em 1987.

“De vez em quando aparece gente achando que é mais po-

deroso que o patrimônio”, critica Suzanna Sampaio, que integra o comitê executivo do Conselho Internacional para Monumentos e Sítios (Icomos), Organização Não Governamental que assessorar a Unesco nas questões de preservação dos bens do Patrimônio Mundial. Ela não acredita, no entanto, que as agressões à Brasília levarão a cidade a integrar a lista do patrimônio em risco.

BUCÓLICA

■ São as áreas verdes livres. Confere à Brasília a característica de cidade-parque pela predominância dos espaços livres em relação aos construídos. São os jardins que permeiam as edificações, os parques e a orla do Lago Paranoá.

“O que falta a Brasília é um plano diretor que ordene o seu crescimento”, avalia. Mas se os dois especialistas, enviados pela Unesco, não tiverem a mesma opinião, Brasília

será o único bem moderno a figurar na lista do patrimônio ameaçado. Os demais monumentos, como a cidade velha de Jerusalém e a zona arqueológica de Chan Chan, no Peru, resistiram à guerras e ao desgaste do passar dos séculos. Um tempo longo demais, comparado às agressões a Brasília — uma cidade construída há apenas 41 anos.

“Há agressões que serão identificadas e que deverão ser corrigidas culturalmente. Mas acredito que a Unesco terá a sensibilidade de compreender que o modelo de vida desenvolvido pela cidade, que é viva, não motiva sua inclusão na lista do patrimônio cultural em perigo”, comenta o arquiteto Cláudio Queiroz. “Figurar na lista não é punição”, explica a Coordenadora de Cultura da Unesco no Brasil, Jurema Machado. Serve, segundo ela, como alerta e uma forma de conquistar apoio internacional na preservação do Patrimônio Mundial.

Na avaliação do Iphan, a preservação de Brasília só será possível com a consciência da população. Por isso, o projeto de educação patrimonial deve ser adotado por escolas públicas e privadas já no próximo ano letivo. “São crianças que crescerão e se tornarão adultos conscientes da importância de preservar o patrimônio de Brasília”, espera a arquiteta Fátima Cisneiros, gerente-executiva do Iphan.

■ COLABOROU CAROLINA NOGUEIRA